

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

Clarice Moreira de Faria

Identidade à flor da pele – contemporaneidade, corpo e ressonâncias
na clínica psicanalítica

Belo Horizonte
2012

CLARICE MOREIRA DE FARIA

**Identidade à flor da pele – contemporaneidade, corpo e
ressonâncias na clínica psicanalítica**

Monografia apresentada à Especialização em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Área de concentração: Teoria Psicanalítica.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin

Belo Horizonte
2012

Nome: Clarice Moreira de Faria

Título: Identidade à flor da pele – contemporaneidade, corpo e ressonâncias na clínica psicanalítica

Monografia apresentada à Especialização em Teoria Psicanalítica da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

A Deus, agradeço o inquietar constante para que eu “não me conforme com este século”. (Romanos 12:2)

À minha família, sem a qual eu não seria capaz de construir e desconstruir o que, diariamente, venho a ser.

À minha mãe, que acreditou nesse trabalho, muito antes de ele existir.

Aos professores do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da UFMG, a maestria.

Ao orientador Carlos Roberto Drawin, a disponibilidade instigante em transmitir tamanho conhecimento e o sempre estímulo à reflexão crítica.

Ao professor Eduardo Dias Gontijo, o exemplo inspirador em todas as áreas da minha vida, as excelentes aulas e a acolhida disponível ao meu trabalho.

Ao professor Jorge Franca de Oliveira, a amigável abertura, as orientações, os comentários, as aulas estimulantes do grupo de estudos em psicanálise e a parceria perene, que me é tão cara, ao longo de todo o meu percurso.

Aos pacientes, a confiança e a oportunidade de enxergar as dores e delícias da construção de cada singularidade e de cada caminho.

Aos amigos próximos, que me estimularam, em vários momentos de incerteza, a seguir em frente, refletir e escrever.

À Margot e ao Romeu, à Meg e à Cacau, a incansável e doce companhia, que sempre renovam a minha alegria pela vida.

RESUMO

FARIA, C. M. (2012). *Identidade à flor da pele – contemporaneidade, corpo e ressonâncias na clínica psicanalítica*. Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

O corpo tem ganhado enorme destaque na definição das identidades contemporâneas, e tal situação traz consigo repercussões no modo de conformação das subjetividades e nos discursos produzidos por elas e sobre elas. O presente trabalho busca entender e discorrer sobre o papel desempenhado pela imagem corporal na atualidade, e ilustra alguns de seus desdobramentos nas narrativas encontradas na clínica psicanalítica. Para tanto, é feita uma descrição de algumas características do atual contexto de época, com o objetivo de mostrar como estas se associam ao enaltecimento da imagem corporal, à exacerbação do narcisismo e à superficialidade e exterioridade do que é entendido como identidade.

Palavras-chave: Contemporaneidade. Corpo. Imagem Corporal. Narcisismo. Identidade.

ABSTRACT

FARIA, C. M. (2012). *Skin-deep identity – contemporaneity, body and resonances in the psychoanalytic practice*. Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

The body has acquired a remarkable prominence as a measure to define contemporary identities, and this condition brings with it repercussions in the conformation of subjectivities – and also in the discourses produced by and about them. This paper aims to understand and expound the role performed by corporal image in the present days, and also to illustrate some of its consequences and developments found in the clinical narratives. For this purpose, it is made a description of the current period characteristics, to demonstrate how these attributes are connected to the body image aggrandizement, to narcissism exacerbation and to the superficiality and exteriority of what is understood as identity.

Keywords: Contemporaneity. Body. Body image. Narcissism. Identity.

.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CARACTERIZANDO A CONTEMPORANEIDADE	10
2.1 Contemporaneidade: algumas acepções conceituais	10
2.2 O glamour da imagem, ou: seduzidos pelo brilho – sociedade do espetáculo, consumismo e identidade estampada	15
3 A VIRADA CORPORAL	20
3.1 Um pedestal para o corpo, troféu por onde desliza a hierarquização de valores	20
3.2 A estultícia e a força de vontade	23
3.3 Narcisismo e cultura somática: conflitos e desordens	26
3.4 Repercussões, na clínica, do corpo entronizado	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

INTRODUÇÃO

Que antes renuncie a isso (exercer a psicanálise), portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Que o (analista) conheça bem a espiral a que o arrasta sua época na obra contínua de Babel, e que conheça sua função de intérprete na discórdia das línguas (Lacan, 1953, p.322).

Tem sido elevado o número de pacientes, na clínica contemporânea, que apresenta quadros de depressão, drogadição, anorexia, bulimia, compulsões alimentares ou fobias sociais as mais diversas. Como indica Campos (2008), o que tem ocorrido é o aumento de suas incidências, isto é: não houve, necessariamente, o aparecimento de novas categorias psicopatológicas. É possível encontrar uma descrição próxima de tais patologias – entendidas, quando pensadas em conjunto, como narcísicas – já no modelo das neuroses atuais, proposto por Freud, em 1896.

Se o número de casos com fortes coloridos narcísicos tem aparecido em demasia, com a entrada em análise lenta, por parte dos pacientes, os quais apresentam discurso bastante raso e empobrecido, pouco historicizado (conforme se percebe na clínica e nas mais diversas bibliografias que se debruçam sobre o tema), é relevante compreender quais aspectos da contemporaneidade tem sido de maior peso e importância no favorecer de tal conjuntura. De fato, como relembra Lipovetsky (2005), “A patologia mental obedece à lei da época” (p. 55). Lasch (1983) concorda e exemplifica, apontando que “experiências de vazio interior, de solidão e de inautenticidade não são de modo algum (...) desprovidas de conteúdo social. (...) Originam-se das condições hostis que invadem a sociedade (...), dos perigos e incertezas que nos cercam e de uma perda de confiança no futuro” (p. 49).

A contemporaneidade traz em si algumas marcas bastante emblemáticas e estimula comportamentos que favorecem a intensificação de determinadas características narcísicas nos indivíduos. Sociedade do espetáculo, consumismo, sedução, estímulo ao gozo absoluto, relacionamentos líquidos: todos esses são aspectos que culminam em uma exacerbada preocupação com o corpo – uma

quase adoração – e com a imagem corporal. Há extremos sensoriais nas escolhas repentinamente feitas, fugacidade, encurtamento da noção de tempo, sensação de vazio extremo ao término do ápice das sensações. Se as características socioculturais influenciam as subjetividades, a recíproca não poderia deixar de ser verdadeira. Lipovetsky (2004) contextualiza as interrelações do social com o individual, e aponta para as contradições, que serão vistas com um maior nível de detalhamento ao longo do trabalho em questão:

Até os comportamentos individuais são pegos na engrenagem do extremo, do que são prova o frenesi consumista, o doping, os esportes radicais, os assassinos em série, as bulimias e anorexias, a obesidade, as compulsões e vícios. Delineiam-se duas tendências contraditórias. De um lado, os indivíduos, mais do que nunca, cuidam do corpo, são fanáticos por higiene e saúde, obedecem às determinações médicas e sanitárias. De outro lado, proliferam as patologias individuais, o consumo anômico, a anarquia comportamental. O hipercapitalismo se faz acompanhar de um hiperindividualismo distanciado, regulador de si mesmo, mas ora prudente e calculista, ora desregrado, desequilibrado e caótico (p. 55).

O presente trabalho busca, então, delinear o que é a contemporaneidade, mencionando algumas de suas características principais, com a finalidade de compreender o papel do corpo e elucidar os fatores que influenciam a busca incessante pelo brilho da imagem corporal. O principal objetivo é tentar esclarecer como e por que a forma corporal passou a ser garantia de admiração moral, como salientado por Costa (2004). É feito um percurso na temática do narcisismo, uma vez que o conceito, segundo Lash (1983),

proporciona-nos (...) um retrato toleravelmente agudo da personalidade 'liberada' de nossos dias, com seu encanto, sua pseudoconsciência de sua própria condição, seu pansexualismo promíscuo, seu fascínio pelo sexo oral, seu temor da mãe castradora, sua hipocondria, sua superficialidade protetora, sua evitação da dependência, sua incapacidade de sentir pesar, seu horror à velhice e a morte (p. 76).

Por fim, o trabalho menciona brevemente as características típicas de algumas narrativas que aparecem na clínica psicanalítica e as possíveis formas de examinar, enquanto psicanalistas, os conflitos que se relacionam diretamente com o mal-estar excessivo frente à insatisfação com a imagem corporal.

Para atingir os objetivos desse trabalho, foi realizado um levantamento bibliográfico de autores que trataram do tema, sendo dado maior foco à obra *O vestígio e a aura*, de Jurandir Freire Costa, que norteou bastante a reflexão. Os fenômenos clínicos mencionados não são entendidos, aqui, como estruturas clínicas. Contudo, a maioria dos exemplos brevemente aludidos nesse trabalho se atém as dificuldades da entrada em análise, usualmente de tonalidades neuróticas, e focam na questão da necessidade do manejo atento às particularidades da conflitiva que envolve o inexaurível e indigesto incomôdo com o corpo.

2 CARACTERIZANDO A CONTEMPORANEIDADE

2.1 Contemporaneidade: algumas acepções conceituais

Em linhas gerais, a Modernidade, entendida como um fenômeno ocidental, abarcou um conjunto bastante amplo de modificações sociais e políticas ocorridas a partir do século XVII. Assumpção (2010), mencionando alguns teóricos que discutiram sobre as particularidades do período, resume alguns dos principais atributos da época, assinalando que

Giddens (1990) e Kumar (1995/2006) observam várias características marcantes: ideais de progresso e de crença no poder da ciência e da intervenção do homem; as revoluções políticas, científicas e industriais; as filosofias da história e seus ideais de progresso; o gradual distanciamento em relação à tradição. Giddens pontua, ainda, em seu texto de 1990, que a modernidade é um fenômeno tipicamente ocidental, notável por seus complexos institucionais: estado nação e produção capitalista sistemática (p. 21).

O momento histórico atual foi tecido a partir de continuidades de aspectos advindos da Modernidade, muito brevemente descrita acima, mas também por meio de rompimentos com a mesma, negações de algumas de suas premissas fundamentais e desconstruções várias do que, no período anterior, era reverenciado como pilar fundamental na conformação de uma sociedade.

Percebe-se que não há concordância entre os teóricos no que diz respeito ao que seria a mais apropriada terminologia para nomear a contemporaneidade. A apreensão desta se mostra intrincada, considerando a fugacidade, incerteza e efemeridade de seus aspectos – isto é, sua constante e veloz mutação. Mencionando um termo genérico frente à variada gama de opções para nomeá-la, a sociologia definiu, a partir das diversas modificações ocorridas por volta de 1970, o surgimento da então sociedade pós-industrial (Tourraine, 1969).

No que concerne à nomenclatura para denominar a contemporaneidade, Lyotard (2000) faz uso do termo “condição pós-moderna”. Para o autor, esta se associa a mudanças na produção e legitimação do saber, em que a importância da performance e do desempenho ganha foco, o que compactua com idéias de mercantilização:

O saber é e será produzido para ser vendido, e ele é e será consumido para ser valorizado numa nova produção: nos dois casos, para ser trocado. Ele deixa de ser para si mesmo seu próprio fim; perde o seu ‘valor de uso’ (p. 05).

Lyotard reforça que a descrença em relação às metanarrativas (iluminismo, idealismo, marxismo) – as quais carregavam, no momento antecedente, pretensões universais e atemporais –, corrobora para com que o saber, na pós-modernidade, seja marcado menos pela busca da verdade (e conseqüente recusa do não-verdadeiro) e mais pela “dúvida, desconstrução, perspectiva, desconfiança, interpretação, não-existência de verdades, suspeitas, construção do conhecimento a partir da problemática” (Karasek, 2010, pp. 79-80).

Assim sendo, no período pós-moderno, Lyotard destaca que não há mais a marca de um saber totalizante, singular, que compactua com a verdade. Há, sim, o foco na serventia de determinado saber.

O sociólogo Bauman (1998), ao indicar o termo “modernidade líquida” para nomear o atual contexto de época, realça a fluidez e as incertezas das relações humanas contemporâneas, que funcionam, em grande parte, em rede: as conexões são estabelecidas e rapidamente encerradas com facilidade, por escolha – fica-se *off-line* antes mesmo de ser necessário se desgastar com o desprazer de um rompimento por vezes delicado e árduo com o outro. Compromisso, relacionamentos estáveis: tudo isso, segundo observa o autor, parece soar muito sólido e estranhamente retrógrado ante a atmosfera efêmera e volátil da contemporaneidade.

Desse modo, o estado líquido, leve e frouxo, tendência característica da atualidade, toma conta dos vínculos afetivos; a relação “do momento” visa a ser a mais satisfatória até então, e, usualmente, é vivida numa velocidade extrema – é a que tem a pretensão de responder plenamente ao gozo efêmero e sensorial. Nos relacionamentos líquidos, resumindo, a tecla “deletar” parece ser apertada com mais rapidez, e cada vez mais.

O autor salienta também que a solidez das instituições sociais, tão típica e atuante na Modernidade, igualmente perdeu espaço. Pichioni (2007), ao comentar Bauman, enfatiza que

Fluidez, maleabilidade, flexibilidade e a capacidade de moldar-se em relação a infinitas estruturas, são algumas das características que o estado liquefeito conferirá às tantas esferas dos relacionamentos humanos citados anteriormente. Entre a possibilidade do desprendimento fluido como modo de vida e a imposição do mesmo para a imensa maioria, há um vácuo entre a liberdade e a incerteza, a emancipação e o total desamparo social e individual (p. 181).

Lipovetsky (2004), por sua vez, sugere que o momento contemporâneo seja denominado de hipermodernidade, pois carrega em si diferenciações quando comparado à fase pós-moderna, fase esta imediatamente posterior ao período

moderno. Ele elucida que a noção de pós-modernidade veio para dar um nome à época marcada pelo fracasso das ideologias, abalos dos alicerces do discurso único da racionalidade e das grandes instituições, em que as oposições rígidas se esvaneceram e o que era antes preponderante e homogeneizado se tornou fluido e plural. Ressalta, também, a temporalidade marcada pelo efêmero, em que há normas consumistas centradas no presente, fazendo imperar o aqui-agora. Ele explica que

O neologismo pós-moderno tinha um mérito: salientar uma mudança de direção, uma reorganização em profundidade do modo de funcionamento social e cultural das sociedades democráticas avançadas. Rápida expansão do consumo e da comunicação de massa; enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares; surto de individualização; consagração do hedonismo e do psicologismo; perda da fé no futuro revolucionário; descontentamento com as paixões políticas e as militâncias – era mesmo preciso dar um nome à enorme transformação que se desenrolava no palco das sociedades abastadas, livres do peso das grandes utopias futuristas da primeira modernidade (p. 51).

Hoje, contudo, o conceito, segundo o autor, não mais exprime o contexto atual: a modernidade foi, na contemporaneidade, elevada ao superlativo. Ele salienta que o rótulo pós-moderno esgotou a sua capacidade de definir o cenário contemporâneo, propondo que a época seja chamada, por conseguinte, de hipermodernidade.

O pós de pós-moderno ainda dirigia o olhar para um passado que se decretara morto; fazia pensar numa extinção sem determinar o que nos tornávamos, como se se tratasse de preservar uma liberdade nova, conquistada no rastro da dissolução dos enquadramentos sociais, políticos e ideológicos. Donde seu sucesso. Essa época terminou. Hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto – o que mais não é hiper? O que mais não expõe uma modernidade elevada à potência superlativa? Ao clima de epílogo segue-se uma sensação de fuga para adiante, de modernização desenfreada, feita de mercantilização proliferativa, de desregulamentação econômica, de ímpeto técnico-científico, cujos efeitos são tão carregados de perigos quanto de promessas (p. 53).

Listando alguns breves exemplos genéricos das perceptíveis mudanças na contemporaneidade, na arquitetura e planejamento, as habitações são projetadas menos em prol de um senso estético do que das necessidades e satisfação dos seus habitantes; na literatura, há confusão das personagens perante a pluralidade discursiva e de como deveriam agir frente às inúmeras “verdades” plausíveis; nas ciências, por sua vez, o discurso relativista toma o lugar da prática fundacional; na filosofia, a descrença frente ao legado iluminista e universalista causa a revivência do pragmatismo: a excessiva confiança na razão agora parece se dissipar. O imperialismo “iluminado”, portanto, agora não mais está apto a falar por todos, em voz unificada.

A pós-modernidade aparece, por conseguinte, via renascimento do que fora banido e cassado na modernidade racionalizadora. Esta modernidade teria terminado a partir do momento em que não se falava mais da história como algo unitário. Para substituir seus dogmas, são propostos, na contemporaneidade, valores menos fechados e categorizantes. Estes servem como base para as ciências, artes, literatura, filosofia e indústria cultural frente à superação/oposição da modernidade: o prefixo pós, para alguns autores, pode ter o sentido de “exorcizar” a modernidade e não de articular em si o pós-moderno.

No que concerne ao mundo contemporâneo e as subjetividades, Birman (2005) complementa e resume:

Assim, no final dos anos 60, o autor francês G. Debord denominou de sociedade do espetáculo as modalidades originais de sociabilidade que então se forjavam, enquanto o norte-americano Lasch as interpretou segundo a lógica da cultura no narcisismo, no final dos anos 70. Tudo isso pode ser considerado variantes de uma mesma matriz, qual seja, o pós-modernismo. Pela concepção de pós-modernidade, alguns teóricos procuraram enunciar um conceito genérico capaz de dar conta das sociabilidades inéditas que estavam se tecendo, que indicavam uma ruptura com a modernidade (p. 187).

2.2 O glamour da imagem, ou: seduzidos pelo brilho – sociedade do espetáculo, consumismo e identidade estampada

Dentre as diversas características socioculturais marcantes e significativas da atualidade, destacadas por diferentes autores, o trabalho irá se ater àquelas que se relacionam tanto à representação e significação do corpo na contemporaneidade quanto à formação de determinadas patologias de caráter narcísico, que possuem o colorido e o reflexo do contexto de época em si.

O fenômeno social de cultuação ao corpo tem sido notório nas últimas décadas, e traz consigo uma obsessão pela forma e pela saúde, o que Costa (2004) denominou de “hipocondria cultural”. Segundo o autor, tal fenômeno surge como resposta ao excessivo fascínio dos indivíduos pela imagem, produzida pela sociedade do espetáculo, termo este cunhado por Guy Debord, em 1967: eles almejam alcançá-la mesmo que a custos altos, estimulados pela indústria midiática, pela via da publicidade e do consumo, os quais têm como tendência reforçar aspectos hedonistas e narcisistas. Costa (2004) elucida que, na sociedade do espetáculo, o sujeito, através dos meios de comunicação de massa, se torna espectador passivo de um mundo de aparências que evidencia a superficialidade do social. Como explica Debord (2003),

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência (p. 12).

Costa (2004) rememora que a economia capitalista, bem como as tiranias comunistas, dissociaram o indivíduo de sua produção. Em seguida, buscaram recompor o laço entre ambos via espetáculo dos meios de comunicação de massa. A contradição que ocorre, como aponta, é que a mídia tenta restaurar a unidade ilusória do indivíduo com o mundo – mas, ao mesmo tempo, permanece reforçando a real cisão que há, uma vez que alimenta certa “cegueira” passiva, para que os indivíduos não se atentem muito ao fato de que são os obreiros do

sistema existente. O espetáculo, como coloca o autor, ordena o mundo em um desfile efêmero de imagens que seleciona aquilo que deve ser admirado e buscado:

Como viver sexualmente; como amar romanticamente; como educar os filhos; como ter saúde física e mental; como conquistar amigos e fazer amizades; como vencer no mundo dos negócios; como aproveitar melhor o tempo de lazer; como distinguir violência e paz; como saber o que é justo ou injusto; (...) tudo isto é aprendido por intermédio da mídia; nada disto convida o sujeito a pensar por que o significado do real se exaure em sua versão virtual (p. 228).

Portanto, o fenômeno em questão “faz da aparência inerência” (p. 229). O mundo, como delineado pela mídia, se torna uma ficção volátil (ou fluida, retomando Bauman) que existe apenas enquanto aparece no noticiário.

Se os indivíduos, de um modo geral, são levados a apreenderem o mundo via espetáculo, há um estímulo constante para que se busque a imitação do estilo de vida dos personagens cheios de brilho social, que são carregados de status. Contudo, a imitação se restringe, majoritariamente, ao que é acessível a todos: a aparência corporal. Não é possível à grande maioria reproduzir as riquezas, o poder ou a significativa influência exercida pelo pequeno grupo de admirados, mas pensa-se ser possível – mesmo com altos custos físicos e psíquicos, pouco levados em conta – plagiar a aparência de sucesso. A obsessão pelo corpo-espetacular, assim, tem aí, através do componente da cultura dominante, muito de sua origem. Seja desrespeitando as particularidades físicas ou mesmo se violentando, não muito importam os meios: aos indivíduos contemporâneos, o corpo torna-se signo imaginário privilegiado de um modo de vida ao qual se está, de fato, muito distante. Como aponta Costa, “de modo geral, ou ‘se é um corpo-espetacular’ ou ‘se é um João ou Maria Ninguém’” (p. 231).

A sociedade do espetáculo também foi retomada por Birman (2005), que destaca a faceta da performance exterior – sempre em busca do que é considerado perfeição da aparência – em sua trama. “(...) o eu se transforma numa majestade permanente, iluminado que é o tempo todo no palco da cena social” (p. 168). A mídia também se destaca em seu argumento, pois institui a

hegemonia da aparência. O que é tomado como referencial e elevado à categoria de admiração é o próprio corpo, “de tal forma que aquele [o indivíduo] realiza polimentos intermináveis para alcançar o brilho social” (p. 167). Birman destaca também o fato de que, ao se estar sempre às vistas, no palco, a exterioridade do corpo é o foco da observação. Toda a exterioridade se volta para a sedução do outro: este se torna “objeto predatório para o gozo do indivíduo e enaltecimento do eu” (p. 188).

O autor observa que o autocentramento do sujeito atingiu as maiores alturas na contemporaneidade. Com isso, houve o desaparecimento da alteridade como valor de base, o que Lasch (1983) também considerou como traço marcante da cultura do narcisismo. O que os autores mencionados buscam destacar é que, no panorama atual, o individualismo é triunfante: os indivíduos se colocam bastante voltados para seus interesses pessoais, buscando satisfazê-los aqui e agora. Cada um se esforça, individualmente, por sua ascensão, por sua realização e pelo suprimento de suas necessidades.

Ainda neste contexto, há uma enorme quantidade de sedução, despejada através dos meios de comunicação – a indústria cultural impõe-se, astuta, a fabricar felicidades consumíveis. Consumir é fundamental, e, muitas vezes, envolve gastar o que não se tem e aparentar ser o que não se é. É possível observar que, em segundos, os meios de comunicação de massa são capazes de proporcionar à sociedade um modo de satisfazer “aquele desejo” até então inimaginado. A obtenção de prazer imediato é como um imperativo. O desejo anterior, que supostamente deveria ser dotado do tão sonhado gozo absoluto, já perdeu o brilho, e precisa-se, urgentemente, de um substituto superior. Não há tempo para esperas. A satisfação é, e só pode ser, agora. A agitação pulsional é estimulada e aproveitada para que sempre se queira mais e mais – o que se tem ainda é insuficiente. Os indivíduos encontram-se dentro de um círculo vicioso: a falta, que marca o sujeito durante toda a sua existência, é aproveitada pela indústria cultural, que se apodera dessa lacuna (por via da sedução e do espetáculo), declarando promessas contínuas de satisfação. O cenário da sociedade atual faz com que a liberdade impere junto ao individualismo.

Os ideais de beleza, pureza e ordem, ensinados e difundidos para a permanência da civilização – com o objetivo de refrear desejos humanos contrários à vida em sociedade – continuam algo em vigor, como na modernidade. Porém, ao comparar esta última com a pós-modernidade, Bauman (1998) menciona a seguinte diferença: “Agora, todavia, eles [os ideais] devem ser perseguidos – e realizados – através da espontaneidade, do desejo e do esforço individuais” (p. 9).

Costa (2004) também associa a sociedade do espetáculo à moral do entretenimento. Nesta, o sujeito tende a se posicionar frente a assuntos públicos apenas para denunciar o que vai mal e elogiar o que vai bem, segundo o seu ponto de vista – sem se implicar na questão. O autor aponta que o sentimento de passividade e impotência em voga na moral do espetáculo aparece como descaso e desprezo na moral do entretenimento. O indivíduo contemporâneo se isenta de inúmeras responsabilidades com o mundo “real”, coletivo, ao denunciar mazelas que o outro comete, mas sem se responsabilizar ou se envolver. A realidade, então, parece ter sido transformada em algo com o qual ninguém quer se comprometer.

Ao comentar estudos recentes realizados por diversos autores, Costa salienta que a construção das identidades pessoais, na atualidade, está bastante ligada à apresentação do corpo, e que tal construção, anteriormente, ocorria de forma bastante distinta. “O crescente interesse pelo corpo é atribuído à revolução cognitiva neste domínio e à invasão da cultura pela moral do espetáculo” (p. 165).

O autor aponta que, no mundo ocidental, em épocas passadas, as formas de definição do sujeito, isto é, de sua identidade, se apoiavam mais fortemente a aspectos bem menos atrelados ao físico. O que o sujeito revelava via exterioridade física e corporal não interferia tão fortemente na definição do que se era, no que se associa ao ponto de vista moral, espiritual ou emocional. Num primeiro momento da história ocidental, o outro buscava conhecer o que (e quem) um terceiro supostamente era pelo que este produzia ao olhar daquele, ou seja: pelo fruto de seu trabalho, referencial muito representativo de sua identidade. Num segundo momento, como parte da tradição estoico-cristã e reforçada pelo homem sentimental da burguesia, o indivíduo era, por sua vez, o que detinha em

seu interior, guardado e protegido da influência e do olhar do mundo – algo que o sujeito escolhia, portanto, a quem e quando revelar, dentro dos costumes de polidez, etiqueta, recato e civilidade da época. Fazendo-se um paralelo com a época atual, o crescimento do papel da mídia e do espetáculo no cotidiano dos indivíduos contribuiu para a grande mudança na perspectiva mencionada. O corpo físico, na contemporaneidade, passou a ser parte significativa da formação da subjetividade: entende-se que o sujeito diz muito (ou quase tudo) do que se é pela aparência física. Segundo Costa enfatiza, “o que diferencia a atual *cultura somática* (...) não é a quantidade de tempo despendido nos cuidados do corpo, mas a particularidade da relação entra a vida psicológico-moral e a vida física” (p. 203).

A mensagem de sucesso social se identifica aos inúmeros predicados corporais da aparência tida como modelo: cabelos sedosos e domados, corpos com musculatura definida, pele bem tratada por cosméticos, maquiagem perfeita para garantir o sucesso na ocasião, roupas da moda. A propaganda sedutora de tudo o que garanta o brilho da beleza-padrão e da juventude busca circular ao utopicamente igualitário alcance de todos – basta consumir determinados artigos com disciplina e assiduidade, e se autoconsumir nos cuidados com o próprio corpo. A corrida pela posse do corpo-espetáculo (p.166) tirou o foco do sujeito da vida sentimental para a vida física, definidora, agora, do que se é.

Aqui, então, se apresenta a importante diferença do homem sentimental do século XVIII para o homem sensorial da contemporaneidade. Cuidar de si, cuidar do que se é, portanto, passa a significar “cuidar do corpo físico” – não mais o objetivo é o de preservar os ideais burgueses sentimentais de interioridade, bem como os seus costumes. O foco é o cultivo das sensações, o cuidar de tudo aquilo que se volta à superfície, ao externo. Estar feliz engloba, agora, se sentir corporalmente parecido aos astros do mundo do espetáculo. Isso se relaciona com a forma de consumir, pois “O sujeito sensorial, para reter o prazer físico, devora os objetos dóceis, os que estão sempre à mão, ou melhor, ‘sempre ao corpo’” (p. 168).

Tal aspecto do consumismo trata também da forma de relacionar-se, hoje. Torna-se necessário, para se presentificar as fontes de estimulação sensorial,

consumir. O prazer sentimental, cultivado em momento anterior ao atual, ao contrário, requeria lembranças do passado, construção de história, fantasias e devaneios – presentificar o outro em sua ausência se associava a estimulação através do mundo fantasmático. Nada disso, porém, abarca o efêmero mundo das sensações – o qual é supervalorizado hoje. O que faz o prazer sensível perdurar (pelo menos um pouco) é o realmente valorizado, já que a sensação, ao contrário do sentimento, se torna obsoleta, apagada e sem graça fora do instante de gozo.

A felicidade sensorial, portanto, como aponta Costa, permite que o relacionamento com o outro seja prazeroso no instante presente e ponto. Na atualidade, narrativas e imagens passam a sustentar, cada vez menos, a ausência do outro. Menos continuidades são mantidas, mais fragmentos isolados se sobrepõem. O outro atrai na medida em que poderá proporcionar sensações. Desejável é o que pode ser captado como agradável e prazeroso sensorialmente, no presente, que não exigirá esperas no tempo. Em paralelo a isso, busca-se, através do consumo e do brilho da imagem, um fiapo de felicidade fugaz, seja ela de ordem estética, visual, auditiva ou que proporcione uma exuberante explosão de sentidos (como o uso de drogas, por exemplo).

3 A VIRADA CORPORAL

3.1 Um pedestal para o corpo, troféu por onde desliza a hierarquização de valores

Alguns fatores que auxiliaram na alteração da percepção cultural do corpo associam-se ao aspecto macro da sociedade do espetáculo e às suas diversas características tentaculares, mencionadas anteriormente.

Costa (2004) aponta que técnicas desenvolvidas pelo avanço das neurociências e afins revelaram vinculações até então desconhecidas entre estruturas cerebrais e determinadas funções psíquicas. Conseqüentemente, as interações entre o físico e o psicológico passaram a ser mais conhecidas e valorizadas, o que trouxe a “revalorização do corpo na formação das identidades” (p. 208). Além disso, os avanços das tecnologias médicas em geral, bem como o

de próteses e fármacos, auxiliaram no aumento da expectativa de vida dos sujeitos. “O que era interpretado como mera sobrevivência, agora, é percebido como uma outra forma da existência humana viabilizada pela plasticidade corporal” (p. 209).

Outro fator assinalado pelo autor é o do desinvestimento, por parte dos indivíduos, em temas políticos, antes tradicionais e de ordem macro (como conflitos de classe e de blocos ideológicos). O deslocamento do interesse dos sujeitos se voltou para questões de sua esfera social, existentes em seu entorno, como conflitos raciais e sexuais. Assim, discussões sobre gênero, raça, preferências hetero ou homoeróticas “fizeram dos predicados corporais um dado crucial nos pleitos por igualdade moral ou política” (p. 210).

O autor menciona também a influência de elementos de doutrinas religiosas asiáticas, como, por exemplo, do budismo, nas religiões ocidentais. Isso significa que o tratamento dado ao corpo físico na condução moral dos indivíduos tem sofrido modificações, também, através da esfera da espiritualidade. Nas religiões judaico-cristãs, as demandas do corpo físico, em geral, são vistas como obstáculo à evolução espiritual – uma vez que representam a carne, a sensualidade, a parte do indivíduo que ambiciona se saciar lascivamente. Nas religiões asiáticas, contudo, conhecer o corpo físico configura um dos aspectos para se alcançar uma vida virtuosa. Ter sabedoria, segundo os preceitos orientais, é, também, saber se alimentar, dormir, respirar, assentar-se corretamente: o equilíbrio, isto é, ser são, inclui a observação e cuidado com o corpo físico, de acordo com tais doutrinas.

Costa faz referência ainda às teorias filosóficas concernentes à natureza do corpo (a fenomenologia e o reducionismo fisicalista, dentre outros) que propiciaram, assim como as ciências e tecnologias médicas, citadas anteriormente, a revisão de concepções acerca da natureza dos eventos mentais. A divisão cartesiana entre mente e corpo, tão reconhecida e propalada, passou a ser desacreditada, e a corrente holística ou ecológica da vida mental ganhou notoriedade. Tal concepção defende que tanto os eventos físicos ou mentais se relacionam com o ambiente ou entorno, e a forma de agir ou reagir também envolve a conexão entre mente e corpo. Exemplificando para o contexto aqui

encerrado, o autor assinala que em qualquer conversa trivial da atualidade as pessoas relacionam estados emocionais a variações hormonais, a carências ou aos excessos de alimentos e vitaminas etc.

É possível apresentar uma série de críticas a cada um dos fatores referidos acima, advindas de diversos teóricos. De acordo com estes, pode-se afirmar, de forma bastante resumida, que as teorias corprocêntricas “desconhecem ou fingem desconhecer o que há de incoerente e ideológico em seus pressupostos” (p. 225), conforme assinala Costa. Apesar das discordâncias frente à complexidade e conseqüências das características do contexto sociocultural hodierno, Costa salienta que “o novo *ethos* moral, observado sem preconceitos, é mais sensível às liberdades democráticas do que o *ethos* burguês tradicional” (p. 226). Menciona também que a cultura somática, como qualquer outra, abarca vantagens e desvantagens.

Lasch (1983) e Birman (2005) ressaltam a importância de se caracterizar devidamente o ideal de valores que tem pautado de forma preponderante os indivíduos no mundo contemporâneo, uma vez que o imperativo moral da época está intrinsecamente relacionado a ele. Costa (2004) aponta que, na sociedade atual, não houve, propriamente, perda de valores, mas sim uma nova hierarquização dos mesmos: prazeres físicos, bem-estar e os ditames da moda seriam os norteadores principais, para uma grande parte dos indivíduos urbanos.

Concordando com Lipovetsky, filósofo que se opõe à maioria dos pensadores da contemporaneidade, Costa entende que o indivíduo contemporâneo não perdeu o seu referencial moral, passando, meramente, a se comportar como um “total narcísico” – no sentido mais pejorativo do termo. O que ele propõe, ao invés, é compreender o seguinte: “se não delegamos mais à religião, ao trabalho, à política ou à família o papel de dar sentido à vida, o que funciona com valor transcendente aos meros propósitos de auto-realização?” (p. 189). Costa defende que as instâncias mencionadas foram privatizadas, sendo ativadas quando necessário, ponto por ponto, e não mais atuando de modo universalista, por meio de regras impessoais. Na maioria dos casos, o que se considera verdadeiro, ou o que procede em determinado assunto, segundo ele, passou a ser ditado, em primeiro lugar, pelo discurso cientificista, apresentado

como o que detém recomendações confiáveis, mesmo que quase sempre mutáveis. Além disso, o bom e o bem passaram a ser definidos pela qualidade de vida, que privilegia o corpo e seus cuidados. Ser jovem e saudável é regra científica que aprova ou não as demais aspirações à felicidade. Se antes o ideal era o cuidado de si com a alma, interiorizado, dirige-se, agora, para a beleza e boa forma estéticas. Tudo o mais é aceito – crenças de qualquer ordem –, desde que se afinem com os “cânones da qualidade de vida” (p.190).

3.2 A estultícia e a força de vontade

O que parece ser unânime frente aos diversos pontos de vista apresentados por distintos teóricos acerca das confluências que levaram à chamada “virada corporal” é o seu resultado: o interesse pelo corpo exacerbou todos os aspectos que concernem à sensorialidade. Os efeitos de tal intercorrência interessam à psicanálise, uma vez que trazem consigo repercussões psíquicas interligadas às mudanças socioculturais descritas.

Conforme Costa explica, no século XVIII, a patologia que definia a loucura estava ligada a carência de razão, esta considerada a base norteadora da normalidade. Já no século XIX, o que era desviante se associava à incapacidade de controlar os próprios desejos, como a forma normativa exigia: a partir disso, foram os perversos caracterizados, delineando o grupo dos que cediam as paixões concupiscentes de forma excessiva, desregrada ou incontrolada. Na contemporaneidade, por sua vez, o que caracteriza o desvio é a fraqueza de vontade:

hoje a figura do desvio é a estultícia. Criamos um código axiológico no qual os normais são os que dão mostras da vontade forte. No pólo oposto, estão os fracos, os piores, os estultos. Estultícia é a inépcia, a incompetência para exercer a vontade no domínio do corpo e da mente, segundo os preceitos da qualidade de vida (p. 195).

A estultícia, como explica, é o que não fora previsto e que, por isso, está na periferia do modelo corpóreo socialmente aprovado. Esse pólo oposto abarca, assim, os que, simplesmente, não têm força de vontade suficiente para lutar pelo alcance do que é sugerido pela virtude da boa forma e da beleza exterior.

Na época da redação desse trabalho, a revista *Veja*, de enorme circulação nacional, trouxe o seguinte texto em sua capa (edição 2289, de outubro de 2012): “Força de vontade – o que aprender com Ronaldo, um campeão que venceu contusões gravíssimas e se tornou o maior artilheiro das Copas, em sua tentativa de emagrecer diante de milhões de olhos em um programa de televisão”. Na reportagem, situada na página 95, uma empresária de 36 anos dá o seguinte depoimento: “já tentei todo tipo de dieta, fiz exercícios e nunca consegui manter o peso por muito tempo. Fui a spas mais de dez vezes e, há dois meses, fiz lipoaspiração. Mas ainda não estou satisfeita” (p. 95). Outro depoimento, na página 97, de uma dona de casa de 55 anos, diz: “para mudar, preciso de um impulso. Sem isso, meu esforço dura, no máximo, uma semana. A última vez que tive força de vontade foi para comemorar minha festa de aniversário, que teve temática árabe. Queria estar magra” (p. 97). Tal exemplo da revista vai ao encontro da observação de Costa, que aponta que “o truque da moral das sensações é fazer crer à maioria que a obediência à nova disciplina do corpo sempre traz vantagens e jamais atribulações. (...) no entanto, esse ideal de prazer tropeça o tempo todo em suas incongruências. A melhor prova é a produção cultural dos novos desviantes” (p. 194).

O autor tipifica os então estultos da atualidade de acordo com o grau ou natureza do desvio que se liga ao investimento em relação às demandas do próprio corpo, sejam estas da esfera individual ou relacional: dependentes ou adictos; desregulados, anoréxicos, bulímicos e/ou que sofrem de pânico ou de fobias sociais; inibidos, distímicos, apáticos, “não assumidos”; estressados; deformados em geral (os quais ficam fora da corrida solicitada pelas regras do fitness, sendo rotulados de sedentários, não-siliconados, envelhecidos, tabagistas etc.). O que deve ser salientado, no que concerne as tipificações, é que, em comum a todas elas, há o peso das contradições em relação às identidades excessivamente conformadas pelo corpo. O sujeito é tido como onipotente, pois é

levado a acreditar que pode criar o eu moral e psicológico a partir da experiência do corpo, ou seja, a partir de sua vontade consciente. Em caso de seu fracasso pessoal, eis o ponto: esse mesmo sujeito não é levado a contestar o valor e o sentido dos ideais corporais dominantes, mas é impelido a crer que o seu fracasso se relaciona à genética e ao biológico – e aqui ele se vê, então, completamente impotente. Pensar sobre a “denúncia da estreiteza da norma social em face da diversidade expressiva da vida humana” (p. 196) é algo bem menos provável, e viria, provavelmente, acompanhado de culpa por sua estultícia. A regra do corpo não-estulto coloca todos dentro de um mesmo pacote fitness: desconsidera as inúmeras idiossincrasias inerentes a cada um, sem respeitar as singularidades. E, se elas, existem, o sujeito é, sim, um sem força de vontade.

Nessa lógica, o autor apresenta uma segunda contradição, agora ao que concerne à relação com o outro. O outro próximo, que fornece o reconhecimento do ideal do eu do sujeito, e do qual se precisa para tanto, é desvalorizado. O outro anônimo, que está no palco da admiração, à distância, mas que tem preocupação emocional completamente nula para com o sujeito – esse, sim – é idealizado e valorizado. Os modelos impessoais das celebridades são os que de fato carregam os principais ditames. E eles são horizontais, não mais verticais (como antes ocorria pela via da autoridade das figuras parentais).

Se hoje se é conhecido, mesmo contra a vontade, pelo corpo, os indivíduos são, a todo o momento, trespassados pelo olhar do outro: há sempre um anônimo “lendo” o indivíduo “na íntegra” pelos signos que seu corpo revelam. A cultura somática, ao fazer do corpo o “espelho da alma”, fez com que o corpo se tornasse “a vitrine compulsória de nossos vícios e virtudes, permanentemente devassada pelo olhar do outro anônimo” (Costa, 2004, p. 198). No contexto contemporâneo, se é o que se aparenta ser: a identidade pessoal e o que o corpo mostra tendem a significar o mesmo. A identidade está à flor da pele. A alma é revelada sem chance de defesa pela ocultação. O indivíduo atual, portanto, carrega maior desconfiança persecutória em si. O outro é um observador, muitas vezes incômodo e invasivo, de seus possíveis desvios. “Se nos sentimos bem com a nossa forma física, tememos que o outro nos inveje por não ter alcançado o que alcançamos; se nos sentimos mal, ele é um suposto acusador, que nos

humilha pelo simples fato de encarnar a norma somática que lutamos, encarniadamente, para corporificar” (p. 199).

A incoerência basilar, segundo o autor, é que o grande esforço para se atingir esse ideal parece nunca alcançar o alvo. O sujeito sofre inúmeras privações demandadas pela força de vontade, pela disciplina frente ao corpo, mas que redundam na sensação de irrelevância e futilidade do eu. O sujeito superficial, que quer se adequar aos moldes estéticos dominantes, vive, ao mesmo tempo, em luta para se afirmar como singular. Mas como tornar-se singular, se se busca desaparecer do olhar do outro, e se, para desaparecer, precisa ao máximo se uniformizar? Não se fazer notar (uma defesa, portanto, para se proteger do olhar invasivo) é tornar-se parecido com todos. A contradição gritante é que proteger algo de sua identidade é usar da estratégia de parecer-se com todos os demais.

3.3 Narcisismo e cultura somática: conflitos e desordens

As condições socioculturais predominantes na contemporaneidade, mencionadas anteriormente, tendem a fazer aflorar os traços narcisistas presentes em todos os indivíduos. Lasch (1983) aponta que a influência da sociedade do espetáculo tem dado ao tipo narcisista de organização da personalidade uma proeminência cada vez maior.

A clínica psicanalítica, ao se debruçar na análise de casos individuais, tem muito a contribuir ao debate sobre as operações socioculturais. “Toda sociedade reproduz sua cultura – suas normas, suas presunções subjacentes, seus modos de organizar as experiências – no indivíduo, na forma da personalidade. Como disse Durkheim, a personalidade é o indivíduo socializado” (Lash, 1983, p. 58). Uma vez que o inconsciente “representa a modificação da natureza pela cultura, a imposição da civilização sobre o instinto” (p. 59), a psicanálise colabora à apreensão do campo social, já que se dedica a analisar aprofundadamente as motivações inconscientes dos sujeitos. Ele ressalta que “a crescente proeminência das ‘desordens de caráter’ parece significar uma mudança

subjacente, na organização da personalidade, do que tem sido chamado de direcionamento interior para o narcisismo” (p. 67).

Se na cultura, de modo geral, há manifestações várias de “temor intenso da velhice e da morte, o senso de tempo alterado, o fascínio pela celebridade, o medo da competição, o declínio do espírito lúdico, as relações deterioradas entre homens e mulheres” (p. 57), na clínica, há a presença de muitas e crescentes narrativas que se associam à pintura retrada e apontam a “dependência do calor vicário proporcionado por outros, combinada a um medo da dependência, uma sensação de vazio interior, ódio reprimido sem limites, desejos orais insatisfeitos. (...) [Há também uma] pseudo-autopercepção, sedução calculada, humor nervoso e autodepreciativo” (Lasch, p. 57). O autor assinala que é muito comum que o paciente da clínica contemporânea se apresente com queixas

de insatisfação difusa, vaga, com a vida’ e sente que sua ‘existência amorfa é fútil e sem finalidade’. Ele descreve ‘sentimentos de vazio sutilmente experimentados, embora penetrantes, e de depressão’, ‘oscilações violentas de auto-estima’ e ‘uma incapacidade geral de progredir’. Ele ganha uma sensação de auto-estima aumentada somente quando se liga a figuras admiradas e fortes, cuja aceitação ele deseja muito, e por quem precisa sentir-se apoiado’. Embora empreenda suas responsabilidades cotidianas e chegue mesmo à distinção, a felicidade o ilude e a vida frequentemente não é, para ele, digna de ser vivida (p. 62).

Ao buscar compreender o narcisismo patológico, Lasch sinaliza que, por meio dele, é possível compreender aspectos importantes do narcisismo enquanto fenômeno social. Ao observar o cenário cultural contemporâneo e comparar os estudos vinculados a tais desordens de caráter em casos mais graves, percebe-se um tipo de personalidade reconhecível em uma forma mais reduzida no dia a dia: “hábil em administrar as impressões que transmite aos outros, ávido de admiração, mas desdenhando daqueles a quem manipula para obtê-la; insaciavelmente faminto de experiências emocionais com as quais preencher um vazio interior; aterrorizado com o envelhecimento e a morte” (p. 63).

As explicações das origens psíquicas que levariam a formação desse quadro psicopatológico estão de acordo com a tradição teórica de Melanie Klein,

sobre os primeiros meses de vida do bebê, como o autor destaca. Essas personalidades se cristalizam em um tipo instável de defesa contra a ira lançada aos objetos amorosos perdidos em época muito tenra da idade, geralmente contra seus pais (ou figuras parentais, que desempenham o papel dos mesmos), e impede que revivam experiências felizes, agradáveis ou que as guardem na memória. Se sentimentos íntimos podem liberar sentimentos intensos de ira, a saída é possuir relacionamentos mais superficiais, o que vai também ao encontro da baixa capacidade de sentirem pesar. As defesas são contra diversos sentimentos de privação oral – que tem suas origens no estágio pré-edipiano do desenvolvimento psíquico.

Elementos arcaicos, sádicos e punitivos predominam nos superegos desses pacientes e ajustam-se às regras sociais mais por medo da punição do que por um sentimento de culpa. Experimentam suas próprias necessidades e apetites, sufocados pela raiva, como profundamente perigosos, e armam-se com defesas que são tão primitivas quanto os desejos que procuram reprimir (Lash, 1983, pp. 62-63).

O autor aponta que o narcisismo veio a ser reconhecido como um elemento de considerável importância para a compreensão das desordens de caráter, que tem absorvido muito da atenção na clínica contemporânea. Ele explica que, em sua forma patológica, há “a incorporação de grandiosas imagens de objetos como defesa contra a ansiedade e a culpa” (p. 60). O narcisista primário – a criança recém-nascida – não percebe sua mãe (ou figura substituta) como possuidora de uma existência no mundo separada de si. Portanto, há a confusão (e a fusão) entre o que configura dependência da mãe, aquela quem satisfaz suas necessidades, com sua própria onipotência, a qual parte de seu interior. Há um caminho a ser percorrido, ao longo do desenvolvimento psíquico infantil, para que a criança perceba que sua necessidade é oriunda de dentro de si mesma e que a fonte de gratificação e de respostas, bem como de não-respostas imediatas, encontram-se fora do eu. O ponto chave é que “as imagens interiorizadas de outros, enterradas na mente inconsciente em pouca idade, tornam-se também auto-imagens” (p. 63). Quando o eu já se distingue dos objetos que o rodeiam, é natural que a criança sinta raiva, ansiedade e posterior

culpa frente às figuras que o cercam, precisamente por não ser mais atendida de imediato em suas demandas: o outro parece não mais compreendê-la como antes, parece tê-la abandonado, pois dá atenção a outros em primeiro plano ou não mais a responde de pronto ou com o acolhimento acalorado de outrora. Apesar de ser objeto de amor da criança, esse outro, ao mesmo tempo, causa nela sentimentos hostis, de desapontamento e raiva. Portanto, uma forte ambivalência afetiva usualmente toma conta da criança, quando ela atravessa esse momento. O autor explica que se a criança experimenta o trauma da separação (isto é, da distinção entre ele e o outro, usualmente a mãe) com uma intensidade sobremodo grande e de forma abrupta, ou com pesadas carências de contenção pulsional e amparo, é possível que o sujeito já adulto, muitas vezes, busque restabelecer relações algo arcaicas com o outro, criando em suas fantasias uma mãe ou pai onipotentes, existentes em um momento anterior à separação – e portanto muito admirados, que se misturam a imagens de seu próprio eu. “Por meio da interiorização, o paciente procura recriar uma relação amorosa desejada, que pode ter existido antes, e simultaneamente anular a ansiedade e a culpa motivadas por impulsos agressivos, dirigidos contra o objeto frustrante e desapontador” (p. 61). Esse sujeito adulto pode, também, criar uma imagem persecutória do outro, que o abandonou, o negligenciou e lhe causa repulsa e raiva – trazendo à tona aspectos ligados à dificuldade de se relacionar com estabilidade e com profundidade de entrega na relação. A ira, o medo, a insegurança e a hostilidade, marca das primeiras relações objetais atravessadas por sensações de forte abandono ou desinteresse por parte do outro, podem retornar com enorme intensidade.

Complementando, Lasch (1983) aponta que um caminho comum frente ao quadro narrado usualmente se segue da seguinte forma:

Uma criança que se sente tão seriamente ameaçada por seus próprios impulsos agressivos (projetados nos outros e, depois, interiorizados novamente como ‘monstros’ internos), tenta compensar-se de suas sensações de raiva e inveja com fantasias de riqueza, beleza e onipotência. Estas fantasias, junto das imagens interiorizadas dos pais bons, com as quais tenta defender-se, tornam-se o núcleo de uma ‘concepção grandiosa do eu’ (p. 64).

Ora, se o mundo intrapsíquico de tais pacientes se mostra tão pobremente povoado, consistindo no eu grandioso, megalomaniaco, justiceiro às cegas que precisa se defender de perseguidores potenciais, com imagens ao mesmo tempo desvalorizadas do eu e do outro, tais pacientes experimentam intensos e contraditórios sentimentos de vazio e inutilidade. A concepção grandiosa do eu é apenas uma estratégia de tamponamento de forte hostilidade.

Fazendo um contraponto às características do narcisismo mencionadas acima, Costa (2004) utiliza as expressões cultura e personalidade somáticas para acompanhar a terminologia utilizada por Lasch (1983), que cunhou os termos cultura e personalidade narcísicas. Costa pondera que os aspectos listados por Lasch já foram destronados, apesar de ainda presentes. Para o autor, todas as facetas da cultura narcisista se manifestam, majoritariamente, no corpo, do corpo e para o corpo – que se tornou, na clínica, um objeto de preocupações e sofrimentos conscientes.

Como aponta Csillag (2010),

O corpo hoje é hiperinvestido, estandarte de um ideal de perfeição que a retórica da beleza e da estética não cansam de preconizar. Mas para além das promessas de felicidade e completude da mídia, entretanto, na clínica ele é referido como fonte de frustração, insatisfação e sofrimento (p. 2).

Costa (2004) menciona a importância de se compreender as relações do corpo físico com a formação do eu, para uma análise mais aprofundada das representações do corpo no atual contexto de época. Freud (1925) define que “o eu é uma projeção da superfície corporal”, ou seja, é o correspondente psíquico da forma corpórea. Como elucidado por Costa (2004), a identidade egóica vai sendo, ao longo do desenvolvimento psíquico da criança, modelada, dentre outros aspectos, pela imagem corporal que responde a demanda vinda do outro. Pais ou mesmo adultos significativos na vida da criança – figuras tidas por ela como modelos – são portadoras da representação de aspectos ideais a serem

alcançados, sendo estes proporcionais à sua fantasia de onipotência e perfeição. O sujeito se submete a este ideal, que sempre será, de alguma forma, buscado. O ideal do eu, portanto, constitui um modelo ao qual o sujeito busca conformar-se, e é resultante da convergência do narcisismo e das identificações com os pais ou seus substitutos. Como elucida Assumpção (2007),

O ideal de eu consiste em uma abdicação parcial do narcisismo infantil seguida de uma projeção do ideal para o futuro, refletindo-se no que o indivíduo almeja ser, de modo a se realizar. Esse ideal se distancia do sujeito sempre que este tenta alcançá-lo, o que resulta num constante desejo, da parte do sujeito, de ser algo mais (p. 6).

Assim sendo, a imagem corporal é um dos elementos utilizados na dinâmica do sujeito que visa a sustentar o interesse do outro por ele. Qualidades afetivas e morais se somam a imagem corporal, mas segundo explana Costa (2004),

o eu, pelo resto da vida, tenderá a fazer da imagem corporal a moeda de troca na transação com o outro idealizado. Freud, apoiado na clínica, afirmava o que as teorias ecológicas da percepção e da cognição vieram a confirmar: somos, em grande medida, aquilo que imaginamos causar no outro, e gozamos, em grande medida, com o usufruto dessa condição. Nosso desejo é o de fazer o outro nos desejar, e nossa satisfação consiste em alcançar, na realidade ou na imaginação, o que antecipamos de forma imaginária (p. 73).

Douto (2004) esclarece a diferença entre esquema e imagem corporal e menciona a importância de ambos. A última, ao longo do desenvolvimento psíquico infantil, vem abarcar a primeira, e traduz a forma do indivíduo sentir-se, traduzir-se e se enxergar enquanto corpo. Segundo ela,

O esquema corporal é uma realidade de fato, sendo de certa forma nosso viver carnal no contato com o mundo físico. Nossas experiências de nossa realidade

dependem da integridade do organismo, ou de suas lesões transitórias ou indeléveis, neurológicas, musculares, ósseas e também, de nossas sensações fisiológicas viscerais, circulatórias – também chamadas de quinestésicas. Sem dúvida, golpes orgânicos precoces podem provocar perturbações do esquema corporal, e estas, por falta ou interrupção das relações 'linguageiras', podem conduzir a modificações passageiras ou duráveis, por toda a vida, da imagem do corpo (p.10).

Costa (2004), por meio dos aportes teóricos da psicanálise, menciona a existência de dois tipos de embates no campo psíquico, os quais concernem à relação do corpo com as reivindicações de satisfação pulsional. O primeiro deles é o conflito existente entre a compulsão para gozar com a imagem corporal narcísica versus as exigências auto-reguladoras (biológicas) de determinado órgão: “O eu corporal narcísico, ao encarnar a percepção imaginária desejada pelo outro, tenta fazer com que todo corpo se curve a esse ideal de perfeição, e resiste a integrar à sua imagem expressões físicas que contradigam esta expectativa” (p. 74). Isso significa, conseqüentemente, que as necessidades corporais auto-regulatórias, por diversas vezes, borram a suntuosa imagem narcísica do corpo: suor, saliva, urina, fezes, lubrificações genitais – tudo isso é produzido pelo mesmo corpo que busca seduzir, impressionar, impactar positivamente o outro, e remete a aspectos contrários ao corpo narcísico elevado, via idealização, ao sonho da perfeição frente aos olhos do outro – e aos de si. O conflito entre aparentar a imagem idealizada pelo eu e possuir necessidades por se ser “de carne e osso” sonega a aspiração infantil do sujeito de onipotência. Assim, o eu narcísico busca se defender da invasão dos produtos corpóreos, do abjeto, seja pela via do recalçamento, seja transfigurando-o pela idealização sexual, como nas perversões descritas por Freud – configurando o objeto-fetice, por exemplo. Outra saída possível é a renúncia a uma parcela do prazer sexual genital – goza-se através do desprezo ou nojo do que é abjeto. Nesses casos, sente-se asco do pênis ou da vagina, percebidos por histéricos ou obsessivos como sujos e repulsivos devido às suas secreções e funções fisiológicas, além das mais diversas formas de obsessão por limpeza, vinculadas ao mesmo aspecto, sintoma este classicamente obsessivo.

Outro conflito no mesmo campo se dá entre a imagem e o esquema sensório-motor: O sistema de equilíbrio e orientação, bem como o de visão, servem, muitas vezes, a propósitos sexuais, como via escolhida de forma preferencial (mas não aleatória) para descarga da energia pulsional. A função de base do órgão passa a atuar conforme as exigências de satisfação da pulsão, e isso leva a uma disfunção dos desempenhos explicitamente corporais (fisiológicos). O que acontece, em outras palavras, é que as funções de autoconservação são submetidas aos interesses libidinais: ocorrem, assim, inibições motoras, tonturas dissociativas, dentre outras disfunções, como uma forma da instância egóica se defender de tamanha ameaça pulsional que irrompe através de determinado órgão. Freud afirma que

O prazer sexual não está apenas ligado à função dos genitais. A boca serve tanto para beijar como para comer e para falar; os olhos percebem não só alterações no mundo externo, que são importantes para a preservação da vida, como também as características dos objetos que os fazem ser escolhidos como objetos de amor – seus encantos. Confirma-se, assim, o adágio segundo o qual não é fácil para alguém servir a dois senhores ao mesmo tempo. Quanto mais estreita a relação em que um órgão, uma função dupla desta espécie, contra com um dos principais instintos, tanto mais ele se retrai do outro. Este princípio não pode deixar de provocar consequências patológicas, caso os dois instintos fundamentais estejam desunidos e caso o ego mantenha a repressão do instinto sexual componente em questão (Freud, 1910, p. 225).

Assim, nesses casos, pode-se dizer que “Os sintomas físicos são indícios de que a representação do corpo como esquema reluta em ser usada causalmente, isto é, como ‘imagem’, e só cede a custo do sofrimento psíquico” (Costa, p. 76). A sexualização de órgãos, quando gera desprazer ao eu e ocasiona um possível conflito, traz consigo tanto a perda ou restrição da satisfação pulsional, como também a perda ou restrição do movimento: a formação de compromisso aparece, então, como uma solução intermediária entre a plena satisfação obtida nas demandas do eu narcísico (via jogo de sedução da imagem corporal ideal) e o obstáculo colocado pelo esquema corporal ao cumprimento de tais satisfações.

O autor afirma que o corpo e seus abjetos expõem ao olhar e avaliação do outro o estranho (apesar de familiar), o que causa asco e é totalmente dispensável do ponto de vista da sedução fantasiada pelo ideal narcísico. O corpo recalcitrante, por sua vez, resiste a sexualizar os órgãos e membros diretamente ligados à auto-regulação e movimentação no campo social, devido à função do eu de domar as peripécias – avaliada por essa instância como de algum modo desprazerosas –, da pulsão. Ao sujeito, reconhecer que a satisfação sexual não pode abusivamente violentar as exigências da autopreservação corpórea faz parte da sujeição à lei da castração e ao princípio da realidade.

A partir de tais conflitos entre o corpo enquanto esquema e as diferentes demandas a ele impostas enquanto imagem corporal, no presente, como se configuram os conflitos entre o eu narcísico e o corpo físico, considerando as características do contexto sociocultural mencionadas anteriormente nesse trabalho? Segundo o autor, o elo sintomático (p.77) entre o eu narcísico e o corpo físico recebe, também, o selo da contemporaneidade. Costa aponta que

imagina-se que a tão idealizada perfeição será conseguida pela perfeição física, prometida pelos avanços da ciência e das tecnologias médicas. O corpo físico, em sua dimensão de esquema, volta a ser julgado como causa real da ferida narcísica, mostrando a compulsão do eu para causar o desejo do outro por si mesmo, mediante a idealização da própria imagem (p. 77).

Além disso, segundo o autor, “o abjeto e o refratário foram narcisicamente reencantados” (p.78): muito do que era função autorreguladora do corpo se converteu em algo da normalidade e, nos moldes esperados, causam admiração. “O que era signo de ‘inquietante estranheza’, como os abjetos corporais, ou de recalcitrância, como as atividades próprio e heteroespecíficas, se converteram em objeto de prazer de domínio ou sedução sexual” (p 78). Assim, o que era interno e exclusivo do indivíduo é hoje discutido e analisado entre amigos, pois se transformou em indício de saúde e boa aptidão física – taxas de colesterol, resultados de exames sanguíneos e imagens radiológicas coloridas do interior dos corpos se tornaram temas absolutamente habituais. O que causa desdém e incômodo, então, agora está na exterioridade do corpo – é aí onde o considerado

abjeto ameaça irromper a todo o momento: nas rugas, estrias, celulites, gorduras localizadas, cabelos ressecados e brancos. Tais inconveniências, que causam manchas na imagem narcísica e desdém, serão, conseqüentemente, temidas, seja de maneira fóbica, histérica, obsessiva ou persecutória. O abjeto e recalcitrante, antes interiorizados, poderiam ser dissimulados, negados, recalçados – protegidos do olhar do outro. Hoje, o déficit narcísico, tão visível a qualquer um, demanda uma solução radical: ele precisa ser “eliminado”, daí as inúmeras e infundáveis correções estéticas, próteses, dietas alimentares, uso não controlado de medicações para emagrecer e demais soluções de caráter imediato, requeridas por tantos indivíduos.

3.4 Repercussões, na clínica, do corpo entronizado

Na atualidade, o trabalho de interpretação do psicanalista precisa considerar a “pluralização e a diversificação da experiência narcísica de construção da imagem corporal” (Costa, 2004, p. 80): as narrativas sobre as falhas na imagem corporal interferem no manejo dos casos clínicos. Nesse contexto, o objetivo da escuta analítica consiste em apontar as contradições que venham a surgir no discurso do paciente, para que o sujeito venha a, gradativamente, aceitar ou compreender a terminante castração em sua imagem narcísica – que aspira, muitas vezes e de forma patológica, a completude e a perfeição para a sedução do outro, que se pretende completa.

O autor comenta a existência de três tipos representativos de narrativa sobre o próprio narcisismo corporal, muito encontrados na clínica da atualidade. O primeiro, segundo ele mais usual e menos grave, conta com as narrativas erótico-românticas, típicas do sujeito sentimental, como as que ocorriam na clínica de Freud. As frustrações afetivo-sexuais, contudo, levam o sujeito, de maneira mais evidente, a reinvestir de forma narcísica nas imperfeições do corpo – enxergadas como causas do insucesso dos projetos sentimentais. O sujeito sofre, excessivamente, com a presença do abjeto e do recalcitrante, mencionados anteriormente, e busca satisfazer as demandas do ideal do eu. “A ideologia somática dominante faz com que vejam na correção da aparência física o

remédio para o insucesso das relações amorosas” (p. 80), apesar de o enredo emocional permanecer como causa principal do sentimento de imperfeição do eu. Segundo o autor,

A interpretação, nestes casos, segue o cânone freudiano. A palavra, na maioria dos casos, é suficiente para que o sujeito reencontre as brechas do percurso identitário por onde se insinua o desejo inconsciente de responder ao desejo de perfeição do outro (p. 81).

Em outro tipo de narrativa, o discurso da imperfeição da imagem parece resistir a qualquer metaforização, uma vez que o outro se torna a representação personificada do abjeto e do recalcitrante: é este outro quem despreza os defeitos físicos do sujeito com impiedade, ironia ou indiferença. Há uma inversão imaginária do que o outro representa. A ambivalência se torna uma constante incômoda e pesada: ao mesmo tempo em que o sujeito admira e venera o seu perseguidor, se sente atônito por sua presença onipotente e julgadora. O amor ao outro oscila bruscamente com o ódio, e o encanto narcísico pelo corpo físico tem aí o seu reverso, convocando a autopunição – já que é objeto de julgamento e onde se situam, imaginariamente, tantas imperfeições. Nessas situações de ambivalência, encontram-se, usualmente, as anorexias, as modificações físicas gritantes, as automutilações e as reclusões sociais por insatisfação extrema com a imagem. A busca pela perfeição da imagem se associa fortemente ao desejo de capturar onipotentemente a admiração do outro, que ocupa, ao mesmo tempo, a posição de objeto amado e de juiz impiedoso – e que pode, a qualquer momento, perceber a imagem corporal do paciente com indiferença e total desencanto, caso esta não esteja impecavelmente polida. Segundo o autor, nessa situação,

o ato analítico se limita a preservar a frágil capacidade que ele [o sujeito] tem de respeitar os interesses pela autoconservação e pelo prazer de falar sobre si. É nesta manifestação mínima de pulsão de vida que ele encontra um refúgio contra a potência do ódio dirigido ao corpo próprio e ao perseguidor idealizado (p. 82).

No terceiro tipo de narrativa mencionado por Costa, o sujeito recalca o passado sentimental em favor da enorme atenção para com o corpo. A história identitária do sujeito é escassa em associações e simbolização que levem a queixas contra responsáveis por seu sofrimento. O outro e o corpo não são acusados de violência ou crueldade, que estão na origem da imperfeição do ideal narcísico. O ego, então, se culpa pela ignorância ou imperícia com que tratou a si mesmo, ou seja, a estultícia no trato com a imagem corporal é de inteira responsabilidade do sujeito. O outro é inocentado. O físico abjeto ou recalcitrante apareceu aos olhos de todos porque o sujeito foi inábil frente às premissas da força de vontade. “O sujeito pede ao analista que o ajude a conhecer o que desconhecia, ou seja, que o ajude a refazer a história da negligência para com os cuidados físicos do corpo” (p. 83). Casos mais graves de transtornos da imagem seguem esse padrão, segundo o autor, em que o olhar anônimo da moda, da mídia ou da ciência parece esvaziar as opiniões e exortações de pessoas próximas, que tentam dissuadir o sujeito – o que afeta muito pouco um novo olhar sobre a compulsão pelo corpo perfeito.

Segundo os elementos narrados por Costa, uma característica da cultura somática merece destaque para a clínica psicanalítica. Na moral das sensações, intrinsecamente ligada a tal cultura, trata-se de explorar o corpo de modo exaustivo, para torna-lo prestes a encarnar qualquer ideal narcísico arbitrário recém-inventado pela moda. Não se trata de procurar adivinhar qual é o desejo do outro para se conformar a ele, do ponto de vista sentimental, como outrora – questão tipicamente neurótica do sujeito psicológico no que concerne ao ideal do eu e as demandas do outro, imaginárias. Agora, o corpo deve se submeter ao padrão do brilho da imagem social da sociedade do espetáculo, pois, de acordo com a lógica, só assim o indivíduo não se sentirá fracassado, descuidado, à deriva - e poderá competir de “igual para igual” com o outro. Assim, o estado psicológico corrente é o da insatisfação e receio constantes quanto à autoimagem. O sujeito não se serve da experiência passada para saber, com alguma confiança, o que deverá ser para que o outro o reconheça. Essa resposta pode mudar devido à efemeridade do imaginário da moda-espetáculo.

Tais dilemas podem parecer insolúveis se o indivíduo permanece enredado no jogo das sensações. Contudo, o autor aponta que

para que a análise possa desvelar o “quê” na história egóica levou o sujeito à idealização da imagem corporal da moda, é preciso que ele próprio desfaça o pretexto narcísico da ignorância ou da prepotência do outro em negar o ‘valor do corpo’ para a felicidade pessoal. Enquanto ele acredita que seus próximos, inclusive o analista, desconhecem a eloquência do corpo, em favor da superestimação dos sentimentos, o vínculo transferencial com o dispositivo analítico é frágil e a cura patina no mesmo ponto (p. 85).

Costa defende que o recurso a diversos saberes sobre o corpo é fundamental, para que o citado acima possa, de fato, ocorrer. Saberes que possuam a característica comum de chamar a atenção para certos desempenhos do corpo físico implicados no bem estar orgânico, emocional e moral faz com o que o sujeito comece a investir em seu corpo de outra maneira, a ter outras relações consigo. Apenas assim “A satisfação derivada da observância correta das necessidades proprioceptivas começa a substituir a satisfação erótica com a mortificação auto-imposta” (p. 86). Desse modo, lentamente, é possível que o corpo passe a se rehistoricizar, e a análise comece a desvelar, pela interpretação, os descaminhos das imagens corporais narcísicas e o que de fato se encontra como pivô de toda a preocupação com a imagem. “O corpo volta a se integrar na ordem dos sentimentos e das ações criativas, contra a futilidade, a nocividade e a leviandade moral do corpo-espetáculo” (p. 87).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades! Tudo é vaidade” (Eclesiastes 1:2).

Diversas características que circunscrevem a contemporaneidade – moral do espetáculo e do entretenimento, consumismo, satisfação imediata de prazeres sensoriais, preocupação exacerbada com o corpo – conformam terreno propício

para o surgimento de formas típicas de subjetivação do sofrimento na atualidade. Configurações patológicas com proeminência de elementos narcísicos têm sido constantes e de número elevado na clínica psicanalítica. Contudo, como aponta Campos (2008), “a frequência crescente dessas manifestações na atualidade leva a que sejam entendidas como novas. Apesar de sua incidência, tais patologias não constituem novidade. Há registros dessas manifestações clínicas que datam do século XVIII” (p. 10).

O contexto sociocultural interfere diretamente no modo de os indivíduos enxergarem-se, posicionarem-se no mundo exterior, exprimirem-se e se relacionarem. Ao mesmo tempo, a clínica psicanalítica, por meio da análise individual dos sujeitos, tem muito a contribuir ao debate acerca das características da contemporaneidade. Elementos sociais (moral em voga, valores e princípios de destaque, dentre inúmeros outros aspectos) acomodam formas subjetivas, interligadas a eles, de organizar a experiência individual, e tornam certos aspectos da personalidade mais exacerbados ou não diante do que circula maciçamente no cotidiano dos indivíduos.

Para ser possível analisar o contexto de época em sua complexa trama, é necessário um vínculo crítico, de certo distanciamento ou anacronia, com o contemporâneo. Agamben (2006) aponta que “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (p. 62). A psicanálise, por sua vez, focaliza a necessidade e importância de se considerar o lado escuro e inoportuno dos acontecimentos, das personalidades, das vivências do sujeito e em como e por quais vias tudo isso tem sido alimentado e fortalecido. A proposta de tal trabalho buscou ir ao encontro dessa premissa. A reflexão que convoca elementos socioculturais, apesar de intrincada e abrangente, é necessária, para que o psicanalista, enquanto crítico da cultura, possa compreender, enxergar e fornecer opções de elucidação, manejo e tratamento que venham ao encontro da melhor compreensão dos pacientes que vivem, sentem, sofrem, e elaboram suas questões estando totalmente imersos no atual contexto de época.

Lasch (1983), citando Joel Kovel, menciona, ao considerar características da atualidade, que

a estimulação de desejos infantis por meio de anúncios, a usurpação da autoridade parental pelos meios de comunicação de massa e pela escola e a racionalização da vida interior, acompanhadas pela falsa promessa de satisfação pessoal, criaram um novo tipo de 'indivíduo social'. O resultado não são as neuroses clássicas, onde um impulso infantil é reprimido pela autoridade patriarcal, mas uma versão moderna, na qual o impulso é estimulado, pervertido e ao qual não é dado nem um objeto adequado com o qual satisfazer-se, nem formas coerentes de controle. (...) O complexo inteiro, exaurido em um meio mais de alienação do que de controle direto, perde a clássica forma de sintoma – e a clássica oportunidade terapêutica de simplesmente resgatar um impulso para a consciência (p. 68).

O brilho de narciso é buscado como se pudesse ser a tradução completa de sucesso, autoestima, segurança; por ele, o sujeito se empenha, com muita intensidade, a realizar um grande e muitas vezes sofrido polimento externo. Enxerga como abjeto qualquer camada superficial não muito bem trabalhada pela força de vontade e que não esteja disposta a seguir as imposições da bela aparência. O indivíduo continua não sendo senhor de sua própria casa. A escravidão permanece. Busca-se o que, para quem e por qual motivo? O que é certo, como aponta Costa (2004), é que

No caso de indivíduos psicologicamente mais frágeis, a seqüência dos maus tratos auto-impostos resulta, muitas vezes, em graves distúrbios da imagem corporal. O fisiculturismo compulsivo, as bulimias, as anorexias, as compulsões por próteses ou cirurgias estéticas repetidas e arriscadas são sequelas da tentativa malograda de tomar posse do corpo-espetáculo (p. 231).

Para finalizar, segue registrado um fragmento da música *Primadonna*, interpretada por *Marina and the diamonds*, conjunto musical do País de Gales. A música em questão fez um grande sucesso nas principais rádios de música pop de diversos países¹, no primeiro semestre de 2012.

All I ever wanted was the world
I can't help that I need it all
The primadonna life, the rise, the fall

¹ Conforme Wikipedia: [http://en.wikipedia.org/wiki/Primadonna_\(Marina_and_the_Diamonds_song\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Primadonna_(Marina_and_the_Diamonds_song))

You say that I'm kinda difficult
But it's always someone else's fault
(...)
Beauty queen on a silver screen
Living life like I'm in a dream
I know I've got a big ego
I really don't know why it's such a big deal, though
And it's sad to the core, core, core
Every day's such a chore, chore, chore
When you give, I want more, more, more
I wanna be adored
(...)
Get what I want cause I ask for it
Not because I'm really that deserving of it
Living life like I'm in a play
In the limelight I want to stay
I know I've got a big ego
I really don't know why it's such a big deal, though
Going up, going down, down, down
Anything for the crown, crown, crown

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. (2009). *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos.

ASSUMPÇÃO, G. (2010). *Novas abordagens psicanalíticas na "pós-modernidade"*. Recuperado em 01 de outubro de 2012, de <http://www.fafich.ufmg.br/mosaico/index.php/mosaico/article/viewFile/84/28>

ASSUMPÇÃO, G. (2007). *Narcisismo e subjetividade*. Recuperado em 01 de outubro de 2012, de <http://www.fafich.ufmg.br/mosaico/index.php/mosaico/article/viewFile/3/1>

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pg. 9.

BAUMAN, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BÍBLIA SAGRADA. (1993). Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade bíblica do Brasil.

BIRMAN, J. (2005). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

CAMPOS, T. S. P. (2008). *A clínica psicanalítica na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado, Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro.

- COSTA, J. F. (2004). *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- CSILLAG, M. C. (2010). *Corpo e histeria na contemporaneidade*. Recuperado em 01 de outubro de 2012, de <http://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/7640>
- DEBORD, G. (2003). *A sociedade do espetáculo*. E-book digitalizado por Coletivo Periferia e eBooks Brasil. Recuperado em 01 de outubro de 2012, de <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>
- DIAMANDIS, M. L. Primadonna. In: Marina and the Diamonds. *Electra heart*. Atlantic records, 2012. CD.
- DOLTO, F. (2004). *A Imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva.
- DUMONT, L. (1985). *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco.
- FREUD, S. [1996 (1910)]. A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. [1974 (1925)] O ego e o id. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. [1974 (1914)]. Para introduzir o narcisismo. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. [1972 (1905)]. Três ensaios sobre a sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. VII. Rio de Janeiro: Imago.
- GREEN, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. [Trad. Claudia Berliner.] São Paulo: Escuta.
- KARASEK, F. (2010). *O conceito de pós-modernidade em Lyotard e a possibilidade da influência nietzschiana*. Recuperado em 01 de outubro de 2012, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/7791/5529>
- LACAN, J. [1998 (1953)]. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LASCH, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. [Trad. E. Pavaneli.] Rio de Janeiro: Imago.
- LIPOVETSKY, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- LIPOVETSKY, J. (2005). *A era do vazio*. São Paulo: Editora Manole.

LYOTARD, J. (2000). *A condição pós-moderna*. [Trad. Ricardo Corrêa Barbosa.] Rio de Janeiro: José Olympio.

OLIVEIRA, M. (1993). *Ética e racionalidade moderna*. São Paulo: Loyola.

PICCHIONI, M. S. Y. (2007). *Modernidade Líquida. Resenha*. Recuperado em 01 de outubro de 2012, de http://www.acoalfaplp.net/0003acoalfaplp/0003acoalfaplp_textos/4bresenhas/12res_modernidade_liquida.pdf.

REVISTA VEJA (2012). *Força de vontade*. [Edição 2289, ano 45, nº 40.] São Paulo: Abril.

TOURRAINE, A. (1969). *A sociedade pós-industrial*. Lisboa: Moraes.

VAZ, P. (s.d.). *O corpo-propriedade*. Recuperado em 01 de outubro de 2012, de <http://www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/pvaz4.pdf>.

WIKIPEDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Recuperado em 01 de outubro de 2012, de [http://en.wikipedia.org/wiki/Primadonna_\(Marina_and_the_Diamonds_song\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Primadonna_(Marina_and_the_Diamonds_song))